

Microempresa ajuda a combater desemprego

Oferta de crédito é fundamental para abrir uma firma própria

Flávia Oliveira

• Quem no Brasil não conhece alguém que sonha ser empresário? O economista Marcelo Neri, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), citando uma pesquisa encomendada ao Ibope pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), revela que 44% dos brasileiros acreditam que a melhor forma de combater o desemprego é o apoio a micro e pequenas empresas. Para isso, é fundamental a oferta de crédito.

Neri analisou um levantamento feito junto aos empreendedores da Favela da Rocinha, alvo da experiência pioneira do Viva Cred, e identificou as principais demandas dos candidatos a empregadores.

Na maior favela do Rio, 83% dos microempresários moram em casa própria, mas são poucos os que detêm títulos de propriedade dos imóveis. Isso dificulta, naturalmente, a obtenção de empréstimos, uma vez que não há como oferecer garantias aos agentes financeiros.

Outro dado: 77% desses empreendedores trabalham com familiares e não com funcionários. Programas de apoio, portanto, teriam o efeito adicional de combater a pobreza, que atinge em

todo o país um terço das famílias chefiadas por trabalhadores autônomos.

Neri descobriu ainda que 47% dos microempresários montaram seus empreendimentos com poupança própria e outros 13% usaram o dinheiro do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) ou de indenizações por demissão. Somente 0,2% dos empresários da Rocinha tiveram acesso a uma linha de financiamento de bancos.

— Isso acontece porque as pessoas têm dificuldade em cumprir as exigências legais. Para se ter uma idéia, na Rocinha, 10% dos empresários tiveram dificuldades para comprovar renda e outros 10% não tinham documentação suficiente — observa o economista. — São esses obstáculos que precisam ser removidos para que os brasileiros realizem seus sonhos.

De cada cem autônomos, 72 seguem trabalhando sozinhos e quatro tornam-se empregadores. Neri descobriu que são poucos os trabalhadores dos seis maiores centros urbanos do país (Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife e Salvador) que conseguem sair de suas funções iniciais para se transformar em patrões. Entre os empregados com carteira assinada, a proporção é de apenas 0,26%.